PONTO *de* ADMIRAÇÃO !

N. da R. — As laudas a seguir dadas à estampa foram-nos enviadas pelo seu ilustre signatário na semana transacta; mas chegaram-nos já quando o Litoral estava paginado e prestes a entrar na máquina. Por isso não puderam ser então publicadas. Delas demos imediata conta — conforme expressa, reiterada e dignificante autorização do seu autor — ao Dr. Mário Sacramento, que, por sua vez, nos mandou, no dia imediato, o seu escrito, que também aqui se traz a lume.

DR. JOSÉ MARMELO E SILVA

Assim venho eu retirar-me — que já sangro! — desta «contenda» das rãs, contenda que os «Coaxos» e «Ronrons» de Mário Sacramento muito estridentemente celebrizaram. A meia dúzia de apagadas linhas que dediquei ao herói-cómico do caso, respondeu ele de improviso com não poucas páginas irrefutàvelmente antológicas. Esfacelado embora, sinto-me satisfeito e ao mesmo tempo orgulhoso. Mário Sacramento mostrou ilustrativamente como só na província se pode ser crítico imparcial e venerável. Destro e elegante. Eufórico e de cabeça erguida. Os leitores, convidados ao êxtase, reconhecem-lhe, desde agora, qualidades novas: Que prodigioso humor! Que subtil interpretação dos textos! Que fino tacto psicológico, até mesmo quando denuncia aquela secreta «vaidade ferida», aquele «amor próprio» não lisonjeado, — sagaz descoberta, sobretudo por referir-se a alguém que ele mesmo, M. S., ainda há pouco apresentava como pessoa «modesta» (ah, estas falazes aparências!).

Afinal, (confesso o meu erro!) Mário Sacramento não é desses críticos que «vêem o argueiro no olho do vizinho e nem sentem a tranca no seu». Não, não é desses que «quando o dedo dum autor aponta para a Lua, de minuciosos só vêem o dedo...» Afinal, a poesia de Anquilose *não lhe passou assim despercebida. Na sua já reeditada crítica, até me chama poeta umas quantas vezes! Foi então o modo de significar que não gostou do livro? Não foi. Porventura o que ele receava é que o julgassem um sentimentalista. Um amigo do seu amigo. Ou um ingénuo para ajudar à missa. Ou desses «compreensivos» (corcovados de bicos de papagaio) ao serviço das Editoras. Tem muita razão. Eu próprio me indignei, há bem pouco tempo, quando me coaxaram das suas (precisamente de M. S.) acatadas «encomendas» da Arcádia. («E que espécie de alienação era essa? positiva ou negativa?) Invejosos! Despeitados!*

Necessàriamente, há os «compreensivos» dos outros e os «compreensivos» de si mesmos. Os primeiros, naturalmente, necessitam de promoção e independência. No fundo, sabemo-lo bem, Mário Sacramento não pode cobri-los de sarcasmos.

Por isso, todo o meu aplauso aqui, toda a minha gratidão incondicional para o feliz autor das «Memórias dum Afogado» e do já menos prometido do que desejado «diário póstumo» — para longe o agouro — «Aqui jaz quem me matou!»

Safa! E neste caso de pleno acordo, Mário. (Deixemo-nos de brincadeiras.) A «amizade», como diz e rediz, super omnia (apenas com a sua restriçãozinha: Amigos, amigos, críticas à parte...*) Os de Lisboa, dos grupinhos, precisam de ficar a sabê-lo.*

PONTO *de* DESOLAÇÃO ...

DR. MÁRIO SACRAMENTO

Não, não é o meu Amigo quem sangra. Quem sangra sou eu — por si embora. Sabe tão bem como eu que teria podido responder-lhe com mais dureza. E que não faltaram razões para isso! Não vale a pena repetir-me, mas o fogo rompeu do seu lado, não em termos de confronto ou diálogo, que sim de baixa polémica. A despeito disso, argumentei sempre. E o meu Amigo insultou... e insulta!

Mas não fere quem quere. Proveniente de outro, teria chamado provocação ao que fez e punha-me na retranca. Vindo de si, atendi-o. Como não sou cristão, não lhe dei a face que sobrou. Ter-lhe-ia dado as duas, todavia, se visse no que interpôs um vislumbre de razão. Por desgraça de ambos, não a teve nunca. E é disso que sangro: nenhum de nós tem o direito de ser indiferente a tanto!

Desperto para a sensibilidade que é correntio um artista ter à flor da pele, deixei-lhe a oportunidade, na primeira réplica, de escolher caminho ou ficar por aí. A citação de Homem Cristo foi o meu memento homo. Viu (e fez ver...) que eu não quisera usar a lâmina. Era tão fácil, num caso como este! Não aceitou a advertência, sofismou o pleito e reincidiu na ofensa. Quis polémica à portuguesa, dei-lha. Mas nos limites da ponderação!

Com ser um artista, o meu Amigo é, contudo, um inte-

Continua na última página

CAROLINA HOMEM CHRISTO

PARA VER NUREYEV

ISTO não quer dizer que o espantoso bailarino não justifique todas as bichas. Mas Lisboa perdeu positivamente a cabeça com o homem que voa como um pássaro com uma subtileza, elegância e maestria francamente sobrenaturais. Tudo isso é verdade, mas o aspecto exterior que envolveu o grande acontecimento artístico foi na realidade de qualquer coisa de espantoso. Empenharam-se jóias, casacos de peles que nesta estação não fazem falta, objectos caseiros como televisores, etc., no intento de realizar fundos suficientes para a assinatura; ficaram filhos sòzinhos em casa; quase não se comeu em alguns lares mais aficionados; deram-se caminhadas insustentáveis em outras circunstâncias e passaram-se 12, 10, 5, 4 horas nas bichas tanto na ânsia de adquirir bilhetes (tudo isto para o Coliseu) como para arranjar lugar sentado quando eles eram da geral que, como sabem, não são numerados e têm uma lotação enorme. Para conseguir bilhetes fizeram-se turnos entre grupos que iam das 7 da manhã até à hora de chegar a vez na bilheteira. Pagaram-se mulheres a dias para ir tomar lugar, porteiros, bilheteiros de outras casas de espectáculo livres até às 13 horas para o mesmo fim. Movimentou-se toda a gente, meteram-se toda a sorte de empenhos, nessa primeira fase. E depois... aconteceu tudo: desde o pique-nique comunitário a pé firme, equipados com lanche e jantar, ao dos prudentes que conseguiam sentar-se nas escadas do Coliseu e aí

Continua na página nove

SALÃO AVEIRO IV

BREVE INQUÉRITO AOS EXPOSITORES

Prosseguimos hoje o nosso «breve inquérito aos expositores» com depoimentos dos dois ceramistas importantes *do Salão, Carbaty e José-João Brito. Esta alteração ao programado anteriormente deve-se ao facto de os dois pintores visados, Emerenciano e João Batel, não terem enviado as respostas a tempo, pelo que só na próxima semana, porventura, dirão de sua justiça.*

1. Dos depoimentos anteriores de Jeremias Bandarra e Artur Fino depreendemos que a pintura não tem uma actuância directa nos movimentos humanos como factor de protesto ou de defesa. Qual é a sua opinião?

Carbaty — Estou plenamente de acordo. A pintura nunca poderá ser atribuída essa finalidade, mas sim precisamente o contrário, ou seja, o resultado dos movimentos humanos em transformação. Na civilização agrária, em que os homens comungavam com a natureza e produziam obras primas ao tentarem retratar as harmonias existentes, começaram a surgir os primeiros sintomas dum novo mundo, que imediatamente reflectiu na pintura os seus efeitos, daí nascendo as novas correntes que antecederam a potência duma civilização mecânica. Presentemente, creio na «arte abstracta» como outro sinal, grito duma rota ainda não en-

Continua na página quatro

GAZETILHA DE CUCA

Os galos cantam cedinho
numa estridente alvorada!
Mal desponta a madrugada,
soltam seu grito primeiro.
Pois os Galitos famosos,
voz afinada em contralto,
cantam cada vez mais alto,
pr'a honra e glória de Aveiro.

Andam numa roda-viva
para erguer a Casa-Nova,
pondo a coragem à prova,
que o encargo é bem taludo!
Já deitaram mãos à obra:
começou, — e há-de acabar,
nem que tenham de empenhar
«esporões», «cristas»... e tudo.

A «coragem» só... não basta!
Mas, ao erguer o «Poleiro»,
contam que o «Povo» de Aveiro
ajude a «crise» a vencer!
Por bairrismo, hão-de ser gratos
ao Clube tão afamado
que tanto tem elevado
a Terra que o viu nascer.

Quando «erguida» a «Casa d'Eles»,
depois de tanta canseira,
há-de haver, na «capoeira»,
festa de arromba... de estalo!...
E os «Galitos» e «Capões»
e «Frangãos» dos mais retintos,
«Galinhas», «Frangas» e «Pintos»
— todos vão cantar de galo!

CETA ...TEATRO *de* BOLSO *e...* *o* PÚBLICO

BARTOLOMEU CONDE

Por vezes como uma eclosão de urticária, levantam-se vermelhidões no corpo do Teatro Amador, tanto à escala nacional, como, mais restritamente, no âmbito local.

Estas crises, a que o povo dá o nome de crescenças, são o melhor sintoma de que o corpo está a medrar, são o melhor índice de vitalidade da arte dramática popular, ou, no caso que nos trouxe à púlpito, a mais evidente prova de vida do Círculo de Teatro de Aveiro.

Estas vermelhidões que aparecem à flor da pele não devem entristecer-nos, nem devemos concluir do seu significado, aparentemente pessimista, por uma atitude de frustração, de aniquilamento ou de fuga. Antes pelo contrário: — é a mocidade, com o seu quê de pressa, de exigência e de entusiasmo, tão característico da juventude, a querer obras imediatas, concretas, definitivas.

Até de certos pruridos, que resultam do tom de algumas polémicas que enveredaram por uma linha de orgulho-ferido, só podemos concluir que se trata mais da força pujante duma colectividade artística, cansada de tanta vitória, que de antagonismos de fundo.

Queixamo-nos de que não temos nada, de que não pode-

Continua na página quatro

Aluga-se

— 2.º andar, na Rua do Eng.º Oudinot, n.º 24.

Tratar na Rua de Manuel Luís Nogueira, n.º 67, em Aveiro.

Caseiro

Casado, com um filho, oferece-se para trabalhos de agricultura ou tratamento de gado. Tratar com José de Almeida Morais, Frossos — Angeja.

Café e Mercearia

Trespassa-se ou vende-se. Tratar com o proprietário, José Marques da Silva, telefone 93157 — Frossos, Angeja.

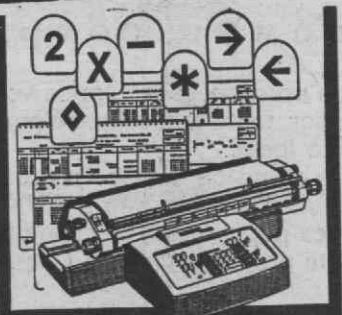
Arrenda-se

R/c para comércio, no melhor local de Ílhavo.

Ângulo da Avenida do Novo Mercado e Estrada Nacional — Casa de Santo António.

Empregado de Escritório

Empresa sita em Aveiro precisa de Empregado/a com prática de facturação, movimento de ficheiro e dactilografia.

Indicar idade e habilitações literárias.
Guarda-se sigilo estando empregado.
Resposta a esta Redacção ao N.º 50.

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

A paginação do presente número obrigou-nos a reduzir o espaço habitualmente destinado à Secção Desportiva, pelo que não nos é possível dar hoje à estampa diversos originais, de alguns dos nossos colaboradores.

Na medida em que continuarem a ter interesse e actualidade, publicaremos os referidos textos nas próximas semanas.

Basquetebol

Festival do MINIBASQUETEBOL

Como estava previsto, realizou-se, no último fim-de-semana, no Rinque do Parque, o festival de encerramento da primeira época de actividade do Núcleo de Minibasquetebol de Aveiro. Houve duas jornadas, com muito interesse, em que se defrontaram quatro equipas de minibasquetebolistas da Escola Primária da Glória.

■ No sábado, à tarde, a abrir o programa, a EQUIPA-C derrotou a EQUIPA-D por 18-6, em jogo dirigido pelos «amigos» (termo que designa os árbitros, no Minibasquetebol) António Bastos e Carlos Pires.

Alinharam e marcaram:

EQUIPA-D (Lúcio Carlos) — Guimarães, Paradela, Daniel 4, Caleiro, António Melo, Matos, Oliveira, Moura e Fernando Pereira 2.

EQUIPA-C (Francisco Teles) — Valente 4, Rui Miguel, Baltasar 2, Andias 8, Peixinho, Pires, Coelho, Miranda e Rui Mateus.

Seguiu-se o desafio entre a EQUIPA-B e a EQUIPA-A, que a primeira ganhou por 19-9. O encontro foi dirigido pelos «amigos» Francisco Teles e Lúcio Carlos, tendo alinhado e marcado:

EQUIPA-B (Carlos Pires) — Alberto Santos, Amílcar 3, Ramalho, Morais 5, Pinto 9, Ribeiro 2, Duarte e Sousa.

EQUIPA-A (António Bastos) — Albino, João Paulo 2, Silveira, Luís Melo 5, «Eusébio», Toni, António Oliveira 2, Romão e Leonel.

■ Na manhã de domingo, na disputa do 3.º lugar, em jogo dirigido pelos «amigos» Carlos Pires e Francisco Teles, a EQUIPA-A venceu a EQUIPA-D, por 17-8 tendo alinhado e marcado:

EQUIPA-A — Albino, João Paulo, Silveira, Luís Melo 6, «Eusébio» 4, Toni, António Oliveira 7, Romão e Leonel.

EQUIPA-D — Guimarães, Paradela, Daniel 2, Caleiro, António Melo 1, Matos, Oliveira, Moura e Fernando Pereira 5.

No desafio de maior interesse, serviram de «amigos» os árbitros Albano Baptista e Fernando Gouveia, que obsequiosamente cooperaram no excelente festival. Denotando supremacia, a EQUIPA-B venceu a EQUIPA-C por 20-7, ganhando o torneio. Neste jogo, alinharam e marcaram:

EQUIPA-B — Alberto Santos 2, Amílcar 5, Ramalho, Morais 6, Pinto 7, Ribeiro, Duarte e Sousa.

EQUIPA-C — Valente 7, Rui Miguel, Baltasar, Andias, Peixinho, Pires, Miranda, Rui Mateus, Jorge Severino e Prata Martins.

●

Esta tarde, no Rinque do Parque, efectua-se novo jogo de Minibasquetebol, defrontando-se a Escola Primária da Glória (representada pela equipa vencedora do torneio do último fim-de-semana) e o Internato Distrital de Aveiro.

O desafio começará às 18 horas.

HOMENAGEM A MÁRIO ROCHA

A anunciada homenagem que a Secção de Basquetebol do Clube dos Galitos vai prestar ao seu antigo dirigente e técnico Mário Rocha foi marcada para 20 do próximo mês de Julho.

As inscrições para o jantar podem ser feitas na Sede do Clube dos Galitos.

Toneio de Iniciados Aveiro - Porto

Na falta de um Campeonato Nacional de Iniciados, que a Federação Portuguesa de Basquetebol não organizou, apesar de haver três associações com torneios desta categoria (Aveiro, Porto e Coimbra), resolveram os dirigentes da Secção de Basquetebol do Clube dos Galitos, logo apoiados pelo Sporting Clube Vasco da Gama (e pelo seu técnico das turmas mais jovens, Alberto Nogueira), organizar um torneio de confraternização entre equipas aveirenses e portuenses, que pusesse em proveitoso contacto praticantes das duas regiões nortenhas.

Assim, estabeleceram-se as bases para esta competição, a que concorrem: Galitos e Illiabum, por Aveiro; e F. C. do Porto e Vasco da Gama, pelo Porto. Haverá duas jornadas, a primeira no Rinque do Parque, amanhã, com jogos às 15.30 e às 16.30 horas; a segunda, em 7 de Julho, será disputada no Porto, no Campo da Constituição.

A ordem dos jogos será estabelecida por sorteio, a realizar antes do início da primeira jornada, estando acordado que não poderão defrontar-se equipas da mesma Associação. Assim, quer joguem Galitos — F. C. do Porto e Illiabum — Vasco da Gama, ou quer se defrontem Galitos — Vasco da Gama e Illiabum — F. C. do Porto, a verdade é que teremos ensejo de apreciar e aplaudir quatro boas equipas, vendo em acção alguns promissores atletas, numa prova cuja utilidade e interesse será desnecessário encarecer.

Torneio da Primavera

No Campo da Alameda, em Esgueira, prosseguiu esta competição, efectuando-se, no sábado e domingo, os encontros de que damos, a seguir, breves apontamentos.

Ala-Arriba 14 - Gépidas, 36

Arbitros — Vítor Couto e Alberto Macedo.

Alinharam e marcaram:

Ala-Arriba — Ferreira 6, César 4, João, Malheiro 2, Alberto, Almeida, Fernando e Teixeira.

Gépidas — Costa 14, Anívio 6, Baptista 4, Fitorra, Tibúrcio 4, Manuel Ângelo 3, Edgar 4, Américo 1 e Joaquim Luís.

1.ª parte: 2-12. 2.ª parte: 12-24.

Talismãs, 27 - Super-Sónicos, 51

Arbitros — Vítor Couto e Alberto Macedo.

Alinharam e marcaram:

Talismãs — Martinho 2, Matos 21, Emídio 1, Martins 3, António Carlos e Rogério.

Super-Sónicos — Mário 6, Lopes 11, Maia 12, Cacia 21, Taborda, Vítor e Matos 1.

1.ª parte: 12-19. 2.ª parte: 15-32.

Avarentos, 40 - Sem Nome, 12

Arbitros — José de Almeida e José Calisto.

Alinharam e marcaram:

Avarentos — Fernando 11, Paulo 11, Lima, Neiva 2, Machado 8, Vítor, Paixão 4, e José Maria 4.

Sem Nome — Mónica 10, Zeca, Carlos, António Joaquim, Orlando, Joaquim 2, Fernandes e Gomes.

1.ª parte: 11-9. 2.ª parte: 29-3.

Rápidos, 22 - Bófias 20

Arbitros — Aguinaldo Melo e José Calisto.

Alinharam e marcaram:

Rápidos — Quim 20, Albano, Aventino, Cardoso 2 e Castro.

Bófias — Gomes 4, Jorge 8, Lela, Regala 4, Soares e Dias 4.

1.ª parte: 8-8. 2.ª parte: 14-12.

●

Em seguimento do *Torneio da Primavera*, estão marcados, para hoje e amanhã, os seguintes desafios:

SEM NOME — 12 INDOMÁVEIS
GÉPIDAS — AVARENTOS
BÓFIAS — TALISMÃS
ALA-ARRIBA — SUPER-SÓNICOS

Após a sexta jornada, a classificação ficou assim ordenada:

1.º — Gépidas, 10 pontos; 2.ºs — Avarentos e Super-Sónicos, 9; 4.º — Talismãs, 8; 5.ºs 12 Indomáveis e Sem Nome, 7; 7.ºs — Bófias e Rápidos, 6. (Rápidos e Sem Nome têm mais um jogo que os restantes, e mais dois que Talismãs e 12 Indomáveis).

«TAÇA RIBEIRO DOS REIS»

Zona B — 6.ª jornada:

SANJOANENSE — ESPINHO . . 5-3
GOUVEIA — BEIRA-MAR . . . 0-0
COVILHÃ — TORRES NOVAS . 1-0
U. TOMAR — A. DE VISEU . . 3-1
TRAMAGAL — LAMAS 2-0

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
U. Tomar	6	4	2	0	17-7	10
Beira-Mar	6	3	3	0	16-6	9
Sanjoanense	6	4	0	2	11-9	8
Covilhã	6	4	0	2	5-6	8
A. Viseu	6	3	1	2	7-7	7
Gouveia	6	1	4	1	9-10	6
T. Novas	6	2	1	3	15-8	5
Espinho	6	1	1	4	8-19	3
Tramagal	6	1	0	5	7-16	2
Lamas	6	0	2	4	6-13	2

Jogos para amanhã:

SANJOANENSE — GOUVEIA
BEIRA-MAR — COVILHÃ
T. NOVAS — U. TOMAR
A. DE VISEU — TRAMAGAL
ESPINHO — LAMAS

Gouveia, 0 Beira-Mar, 0

Jogo no Estádio Municipal do Fontão. Árbitro — José Albano Pereira, da Comissão Distrital de Viseu.

As equipas formaram deste modo:

GOUVEIA — Dias; Nogueira, Couceiro, Macalene e Franco; Diamantino e Margarido; Mateu, Marcos, Amílcar e Júlio.

BEIRA-MAR — Paulo; Loura, Evaristo, Marçal e Chaves; Brandão e Abdul; Morais, Cleo, Sousa e Almeida.

Os serranos batendo-se com muito empenho, puderam neutralizar a melhor condição técnica dos beiramarenses e garantir um «nulo», desfecho de certo modo lisonjeiro para os gouveenses.

De facto, mesmo distantes do seu habitual, os beiramarenses podiam ter vencido o jogo; refira-se, apenas, que, logo no recomeço, Sousa se isolou e atirou a bola ao poste e que Almeida, no mesmo lance, com Dias batido, recargou prontamente, levando o esférico contra a barra!

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 44 DO «TOTOBOLA»

7 de Julho de 1968

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Famalicão-Tirsen		x	
2	Varzim - Leixões			2
3	Espinho - Gouveia	1		
4	Covilhã -Sanjoane.			2
5	Tomar - Beira-Mar		x	
6	Trama. - T· Novas	1		
7	Lamas - A. Viseu	1		
8	Funchal - Benfica			2
9	Sintrense Oriental	1		
10	Belenenses-Atléti.		x	
11	Lusitano-Barreire.	1		
12	Luso - Montijo	1		
13	C. Piedade-Setúbal			2

VALECAMBRENSE na II Divisão

Na quarta-feira, em Viseu, num jogo de desempate de enorme interesse, o Valecambrense derrotou o União de Coimbra por 3-0 — assegurando a subida automática à II Divisão e ganhando direito a estar presente nas meias-finais da III Divisão (em que defronta, já amanhã, a turma do Boavista).

Festejamos a proeza dos jogadores do nosso Distrito, a quem enviamos efusivas saudações.

Em Vialonga

Nova Fábrica da Sociedade Central de Cervejas

Assinalando a festiva inauguração da nova fábrica da Sociedade Central de Cervejas, em Vialonga, em cerimónia presidida pelo venerando Chefe do Estado, sr. Almirante Américo Tomás, realizaram-se, nas capitais de Distrito do Continente, na tarde de sábado, reuniões com a Imprensa Regional.

Nesta cidade, a firma «Distribuidores de Cervejas do Vouga, L.da» reuniu, num *cocktail* efectuado no Restaurante Galo d'Ouro, a Imprensa do Distrito de Aveiro. E, em dado momento, o seu gerente sr. Ulisses Rodrigues Pereira, no uso da palavra, cumprimentou e agradeceu a presença dos jornalistas, informando-os sobre a magnitude do empreendimento, de verdadeiro nível internacional, e referindo que a Sociedade Central de Cervejas tenciona, em data próxima, convidar os representantes de toda a Imprensa Regional para uma visita às modelares instalações da nova unidade fabril de Vialonga, que substituiu as fábricas que aquela importante empresa administrava em Lisboa: a «Portugália» e a «Estrela».

Nesta fábrica de Vialonga, produzem-se as cervejas «Sagres», «Cuca» e «Skol» e os refrigerentes «Schweppes». A capacidade de produção cifra-se em 110 milhões de litros de cerveja por ano, 25 milhões de refrigerantes e 15 000 toneladas de malte — o que coloca a fábrica de Vialonga ao lado das mais vastas unidades fabris cervejeiras da Europa e constitui, sem dúvida, participação valiosa da Sociedade Central de Cervejas para o desenvolvimento da economia portuguesa.

No capítulo da exportação, são já realidades a colocação crescente da cerveja portuguesa — em especial a prestigiosa «Sagres» — nos Estados Unidos, Caraíbas, Congo, França, Itália, Inglaterra, Gibraltar, Tailândia, Indonésia, Singapura, Hong-Kong e Guiana; e estão estabelecidos contactos que abrem boas perspectivas à exportação para o Brasil, diversos paises europeus e Austrália.

Assim, a nova fábrica de Vialonga é a resposta da Sociedade Central de Cervejas à exigência de actualização e às necessidades de um futuro próximo; ela representa um dos pontos mais altos da vida da importante empresa e constitui, no momento em que a Sociedade Central de Cervejas celebra trinta e quatro anos de actividade, um investimento lúcido e confiante no desenvolvimento da economia portuguesa.

Em nome dos jornalistas presentes, pronunciou breves palavras de agradecimento pela gentileza da Sociedade Central de Cervejas e da firma «Distribuidores de Cerveja do Vouga, L.da», o sr. Coronel João da Costa Moreira.

UMA PANORÂMICA DA NOVA FÁBRICA DE VIALONGA, IMPLANTADA NUM TERRENO DE 30 HECTARES, COM UMA ÁREA DE CONSTRUÇÃO de 90 000 M²

Salão Aveiro IV

Continuação da primeira página

contrada mas que anuncia a era atómica que já vivemos.

Brito — Em relação a esta pergunta, seria conveniente formular de que espécie de pintura se trata. Estamos a pensar na «Guernica»? Na «Nature morte à la soupière», de Cézanne? Nas «Máscaras disputando um enforcado», de Ensor, ou num trabalho de Soulages? Isto é: que espécie de pintura nos propomos? Há de facto uma pintura? A pintura reveste o estado de espírito do artista, a sua idiossincrasia, as formas de envolvência do mundo exterior, a sua integração no mundo social, a sua tensão interior? Não será nisto tudo que estará a razão de ser da pintura, a maneira como ela se manifesta?

2. Assim como não há teatro sem público, também a pintura (englobando nesta classificação a cerâmica) tem de ter necessàriamente um público que justifique a sua existência. O que acha deste público? Crê que é semelhante ao público de literatura ou de música, por exemplo?

Carbaty — Julgo que toda e qualquer manifestação artística tem um público que lhe é afecto, mas a sua existência só tem importância ou é necessária se dela estiver dependente a sua continuidade. Em relação à pintura, só a mercenária, aquela que é produzida em função de vontades estranhas ou que lhes é mais conveniente, está directamente dependente do público. Na chamada pintura de arte, que é aquela que nasce duma necessidade interior e procura reflectir a vigilância do artista sobre o mundo, essa, já porque é espontânea, pode existir e existe sem público.

Brito — Não há teatro sem público, de facto, mas todo o público é susceptível de ir ao teatro. Claro que quanto mais especializado é esse público mais possibilidades tem o artista de travar um diálogo actuante com ele. No entanto, a função do artista é dirigir-se a todo o público em geral.

3. O público das exposições alega que os preços das artes plásticas nem sempre estão de acordo com uma possibilidade geral de compra. Pessoalmente, e como representante desse público, creio ter fundamento esta alegação. Não concorda que para a fomentação das artes plásticas tem de haver por parte do artista um maior sacrifício para vender os seus trabalhos por preços mais acessíveis?

Carbaty — Esta pergunta dá às anteriores uma orientação de ordem comercial a que tenho fugido. Como a ela tenho que responder e porque, apesar de tudo, a pintura de arte é exposta em salões e atrai assistência, só teremos que louvar os prémios pecuniários como os que o Sr. Governador Civil de Aveiro concede, já que estes são a única certeza e estímulo positivo. Quanto ao resto não há discussão, mas se a houver, a palavra também deve ser dada aos parasitas que vivem da extorsão de percentagens sobre os trabalhos vendidos e que também por isso aumentam de preço. Falar, porém, de obras caras, quando assistimos à venda de obras mercenárias a 10 000$00, numa recente exposição que rendeu quase 35 000$00 e no mesmo Teatro onde está exposto o Salão Aveiro IV, é minimizar o poder de compra e esquecer que cada obra de arte é um pedaço do indivíduo que a criou, com tempos de reflexão, momentos de angústia e muito dinheiro gasto.

Brito — No que respeita à exposição que deu origem a esta entrevista — Salão Aveiro IV, que em boa hora foi instituído e pena é que não tenha sido ainda alargado ao âmbito nacional —, começo por dizer que nem sequer atribuí qualquer preço aos meus trabalhos, mas reconheço que um artista consciente tem que ser bem pago: em cada um dos seus trabalhos há reflexão, há esforço, há tempo; não é mera questão de material gasto.

JÚLIO HENRIQUES

CETA ...TEATRO *de* BOLSO e... *o* PÚBLICO

mos estruturar o nosso teatro, de que não podemos fazer um teatro visceral — modesta atitude perante o que valemos, o que ganhámos, os êxitos que obtivemos. E isto apesar de...

Temos muitas dificuldades, é certo, tantas que chegam a doer: — não se faz o Teatro que se deveria (em quantidade, principalmente), nem se cria o público que desejaríamos.

Certo! Certíssimo!

Teatro de Bolso — Precisa-se. É este o anúncio que anda nos jornais.

Na verdade o Teatro de Bolso permitia-nos a resolução de vários problemas, alguns até de ordem económica. Mas não concordo já que sem Teatro de Bolso não possamos fazer teatro e do melhor, com bastante sacrifício é certo. Recordo-me dos ensaios feitos nos corredores da antiga Sede do Galitos. Teatro cínico, autêntico, verdadeira escola. E teatro de sacrifício, que sem ele não é Teatro de amador.

Não pretendo dizer, por silogismo, que a uma maior miséria corresponde uma maior grandeza de alma. Interrogo-me apenas.

Aveiro, diz Idalécio Cação, faz um manguito às necessidades da colectividade, procura a revista e afasta-se do Teatro sério. Não dá um chavo. Não concluamos, apressadamente, e nem essa será a ideia de Idalécio Cação, de que estamos desprotegidos. Estamos recebendo ajudas de... e de... e de... Sem elas, nem sequer existiríamos.

Uma pergunta ponho à consideração: — teremos o direito de exigir (ou pedir) um Teatro de Bolso, para fazermos mais e melhor Teatro, ou teremos de fazer melhor e mais Teatro para então exigirmos (ou pedirmos) um Teatro de Bolso?

Outra pergunta ponho, desta vez à consideração dos cetistas: — sendo Aveiro a realidade que é, quando foi que fomos ao encontro dessa realidade, com Teatro apropriado? Ou então: — teremos de fazer Teatro pedagógico e criarmos assim uma nova realidade em Aveiro?

Talvez seja conveniente neste caso meditarmos sobre a prática de S. Paulo ao fazer-se romano entre os romanos, sem contudo deixar de actuar na linha do seu objectivo — trazer os romanos ao seu encontro.

O exemplo da Câmara de Lisboa pode servir-nos para um estudo, que é o das Câmaras, através do seu pelouro cultural, financiarem um ou dois espectáculos por ano. E faríamos uma **tournée** distrital, e em vez de três ou quatro espectáculos anuais, poderíamos, sem grande esforço, estendermos por um ano, o trabalho exaustivo de três meses de ensaios. Esta iniciativa, ao nível distrital, nunca a tomámos. Era de tentar.

Estaremos definitivamente num beco sem saída? Eu não creio mas, mesmo que assim fosse, não nos podemos queixar das realidades que nos cercam. Elas existem e com elas temos de conviver ou lutar. Não se pode sair deste dilema.

Seria até muito interessante que Aveiro pudesse saber quais as nossas verdadeiras intenções, qual o valor dos homens que respondem pelo teatro amador local e quais os planos que temos para uma verdadeira estruturação de toda a actividade artística do Círculo de Teatro de Aveiro. Sem isso, falar de Teatro de Bolso, parece-me prematuro. Pelo menos, exige-se que todos conheçam melhor as necessidades que temos dum Teatro de Bolso.

Bartolomeu Conde

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

CONCURSO MÉDICO

Está aberto concurso documental de provimento por 20 dias, com início em 26 de Junho de 1968 para médicos de CLÍNICA MÉDICA da Delegação Clínica de Vista Alegre, devendo a documentação ser entregue na Zona Centro — Rua Antero de Quental, 180 a 184 — Coimbra ou na Sede — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º — Lisboa, até às 18 horas, do dia 15 de Julho de 1968.

As condições de admissão encontram-se patentes na Zona Centro, Sede e na Delegação referida.

Lisboa, 20 de Junho de 1968

A DIRECÇÃO

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi adjudicado o «Fornecimento de mobiliário e material didáctico para o Bloco Escolar dos Areais de Esgueira», pela importância de 187 449$00.

● Foi adjudicada a empreitada de «Pavimentação, asfalto, de um troço, da Rua da Fonte Velha (C. M. 1 515) na Quinta do Picado — 1.ª Fase», pela importância de 166 800$50.

● Foram aprovados 3 autos de medição de trabalhos das seguintes obras, para efeito de pagamento aos empreiteiros: 1) — Construção civil do Matadouro Regional de Aveiro, 163 941$70; 2) — Pavimentação a cubos, da Rua da Senhora da Graça, em Eixo — troço entre a E. N. 230 e a Rua do Cemitério, 19 565$00; e 3) — Pavimentação da Estrada Nova do Canal, 52 770$00.

● Foi aprovado o projecto definitivo da pavimentação, a xadrês preto e branco, dos passeios adjacentes da Praça da República e Esplanada.

● A Comissão Municipal de Turismo foi encarregada da orientação e execução de uma nova edição do Roteiro da Cidade.

● Foram apreciados 22 processos de obras que mereceram os seguintes despachos: 14 deferimentos, 2 indeferimentos e 6 informações.

PELA JUNTA AUTÓNOMA

NAVEGAÇÃO

Entradas: dia 14 — navio-motor português NAVEGANTE, de 1 149 tAB, proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde; dia 15 — navio-motor português CIDADE DE AVEIRO, de 2 304 tAB proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde; dia 16 — navio-motor português JAIME SILVA, de 260 tAB, proveniente de Safi, com gesso cru em pedra; dia 17 — navio-motor SANTOS CRISTINA de 2 052 tAB, proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde; dia 19 — navio-tanque português ROCAS, de 1 424 tAB, de Lisboa com combustíveis líquidos; e dia 20 — navio-tanque norueguês OLGA, de 498 tAB, proveniente de Roterdão, em lastro.

Saídas: dia 18 — navio-motor REUS, para Pasajes, com carregamento de pasta de papel e; dia 19 — navio-tanque português ROCAS, para Lisboa, em lastro.

V ENCONTRO DA «CRIANÇA DO DISTRITO ESCOLAR DE AVEIRO»

Por iniciativa do sr. Dr. Manuel Louzada, Governador Civil de Aveiro, realizou-se nesta cidade, no penúltimo domingo, a exemplo dos últimos anos, o V Encontro da «Criança do Distrito Escolar de Aveiro» — curiosa festa juvenil que reuniu cerca de um milhar de crianças das escolas primárias dos concelhos aveirenses, num belo e animado espectáculo que bem demonstra a meritória acção circum-escolar do professorado da nossa região.

Precedendo o festival, houve um desfile das crianças que nele iam tomar parte, perante o Chefe do Distrito, que se encontrava acompanhado pelo Director-Geral do Ensino Primário e pelas diversas autoridades civis, militares e eclesiásticas aveirenses. As várias embaixadas escolares seguiram da Praça do Marquês de Pombal para o Parque do Infante D. Pedro, onde, na aprazível Avenida das Tílias, se efectuou depois o interessante espectáculo, presenciado por numeroso público.

O sr. Prof. José Lavado Corujo, Director do Distrito Escolar, realçou a missão dos professores e o seu esforço na preparação dos alunos para a festa, agradecendo ao sr. Governador Civil o carinho que desde sempre tem dedicado à sua organização.

Subiram depois ao palco, sucessivamente, alunos e alunas das Escolas de Aveiro (apresentando uma adaptação de Bartolomeu Conde da peça «Gota de Mel», de Chancerel); Entroncamento-Mealhada (com uma classe de ginástica); Ílhavo (representado por um grupo de «Padeirinhas»); Arrifana-Feira (em três interesantes quadros vivos); Senhora do Monte-Estarreja (numa fantasia baseada num auto de Gil Vicente) e Avanca-Estarreja (em dois bailados); Oliveira de Azeméis (com nova classe ginástica); Vagos (apresentando danças, cantos e um recitativo); Relva de Esmoriz-Ovar (na representação de «A Criança Adormecida»); Murtosa (com «Molho de Escabeche» e uma «Rapsódia à Beira-Mar»); Vergada-Feira (numa série de cenas infantis); Vilarinho-Cacia — Aveiro (evocando o típico «Real das Canas»); Troviscal — Oliveira do Bairro (com números musicais); Arouca (com danças e cantares); e Espinho (apresentando um arranjo cénico original da Prof.ª D. Maria Helena de Sá Morgado, intitulado «Portugal e a Cruz»).

Findo o espectáculo, que o público frequentemente interrompeu com demorados aplausos, foi servida uma merenda a todos os participantes da festa, proporcionando às crianças novos momentos de alegre convívio. A merenda foi oferecida por diversas empresas aveirenses.

Amanhã AVEIRO EM ÉVORA

Amanhã, domingo, Aveiro também estará em Évora, integrado no Cortejo do Trajo Nacional, número grande do programa da Feira de S. João, na grande cidade alentejana.

Para cima de dezena e meia de figurantes — tricanas antigas e modernas, mordomos e mordomas dos «Ramos», marnotos e salineiras, o saudoso «gabão», camponesas de Cacia e S. Bernardo — farão conjunto colorido, numa impressiva jornada etnográfica, condigna dos nossos brios — assim o esperamos, pois sabemos do empenho que a Comissão Municipal de Turismo dispensou à nossa representação.

Com bem fundamentadas razões, perguntava-se, há dias, em *O Primeiro de Janeiro:* Por que não mostrar também aos aveirenses *de hoje,* muitos deles ignorantes das tradições do cais, tão elucidativo e aliciante conjunto? «Por que não aproveitar esse louvável esforço para radicar os aveirenses mais profundamente à sua terra?»

Perfilhamos inteiramente a oportuníssima sugestão.

A CIDADE

NOVOS FILMES DE VASCO BRANCO

Em sessão privada, o consagrado cineasta aveirense Dr. Vasco Branco apresentou há dias, em ante-estreia, três novos filmes de 8 mm. que recentemente concluiu.

«Gente Trigueira» de ajustado colorido, procura traduzir a gesta dos moliceiros e dos marnotos, dos homens tostados pelo sol que mourejam na Ria de Aveiro; «Planeta Gaus», também a cor, é um filme abstracto; finalmente, «Rajada», a preto e branco, completa a trilogia de novas películas e de novos triunfos de Vasco Branco.

«VERBENAS DE AVEIRO»

No recinto das «Verbenas de Aveiro», haverá, esta noite, novo baile popular, no Rinque do Parque.

Amanhã, à noite, realiza-se novo espectáculo de variedades, em que actuam os cançonetistas António Mourão, Anita Guerreiro, Idália Maria, Lena Calazans e Vítor Teixeira, e locutor Tony e o «Conjunto Portuense».

NAVIO CISTERNA «PORTO DE AVEIRO»

O sr. Ministro da Marinha visitou, há dias, na doca de Alcântara, em Lisboa, o primeiro navio-cisterna da frota mercante portuguesa — o «Porto de Aveiro».

Esta unidade, construída na Noruega em 1960, custou 26 mil contos à empresa «Transnavi» — Sociedade Portuguesa de Navios Cisternas, e destina-se ao transporte de vinhos a granel da Metrópole para o Ultramar.

O facto do navio ter sido baptizado com o nome de «Porto de Aveiro» representa homenagem, que muito nos honra e desvanece, dos seus armadores à nossa cidade e ao nosso porto.

«DIA DA MULHER PORTUGUESA»

Comemorando o «Dia da Mulher Portuguesa», realiza-se na Sé Catedral, na próxima segunda-feira, 1 de Julho, pelas 19 horas, uma missa mandada celebrar pela Caritas Portuguesa, pelas Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo, pela Obra das Mães, pela Educação Nacional, pela Mocidade Portuguesa Feminina e pelo Movimento Nacional Feminino.

PADRE MANUEL FIDALGO

Uma vez mais, embarca na próxima terça-feira, em avião da TAP, para a América do Norte, o Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo. Com ele viajam sua mãe, sr.ª D. Belmira Pato Fidalgo, e seu tio, Rev.º Padre Augusto Carlos Fidalgo, zelozo Pároco do Torrão, em Entre-os-Rios.

Ali vão todos de visita a pessoas de família; e o ilustre Director do *Correio do Vouga* aproveitará o ensejo para se restabelecer da sua combalida saúde, no repouso de merecidíssimas férias.

Num abraço de despedida vão os nossos votos duma feliz viagem.

VIDA COMERCIAL

Abriu ao público, na passada segunda-feira, na Rua de José Estêvão (n.º 40 e 42), um estabelecimento comercial, montado com sobriedade e bom-gosto: a «Casa Branco», de que é proprietário o o sr. Manuel Branco de Oliveira, sócio da firma OSITEX, L.da.

O novo estabelecimento, com orientação de vendas a cargo da sr.ª D. Sofia Ratola, destina-se ao comércio de fios de lã e de fibras para «tricot», vindo preencher uma necessidade crescente do público interessado na compra destes artigos.

Desejamos as melhores prosperidades à «Casa Branco» e ao seu dinâmico proprietário.

Importante COMPETIÇÃO CICLISTA

O «Grande Prémio PHILIPS» vai trazer até Aveiro o sabor sempre apetecido, duma prova ciclista. Pelas 11.30 horas de amanhã, domingo, será em Aveiro o final da etapa iniciada em Coimbra.

Nesta importante prova tomam parte as mais categorizadas equipas portuguesas da modalidade — Sangalhos, Sporting, F. C. do Porto, Benfica, Grupo Desportivo da Ambar (em estreia como profissional), Tavira, além da famosa equipa espanhola G. D. Karpy, representada na sua máxima força pelo célebre Manzaneque, pelo internacional Piñere, por Sagarduy (o «Rei da Montanha» na Volta do Futuro), por Goyneche (3.º na Volta de Inglaterra e 2.º no Campeonato do Mundo contra-relógio), por Uribezulia (2.º na Volta de Inglaterra e vencedor na Volta de Andorra) e, ainda, por mais dois famosos corredores.

Os ciclistas entrarão na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, vindos da Ponte da Dobadoura, seguem pela Ponte-Praça, sobem a Avenida até à Estação da C. P. e descem-na depois até à meta, instalada frente à «Tonelux», casa aveirense representante da PHILIPS.

Cartões de Visita

DOENTES:

● Esteve internado na Casa de Saúde da Vera-Cruz, e dali transitou para Coimbra, o sr. Major Eng.º Armando Moreira de Campos, que tem experimentado sensíveis melhoras dos seus padecimentos, com o que muito folgamos.

● Acometido de doença súbita, quando vinha da Gafanha para Aveiro, deu entrada na mesma Casa de Saúde o nosso bom amigo Dr. Hermínio Faro, distinto médico e Subdelegado de Saúde em Sátão.

Tem sido muito visitado o ilustre enfermo por numerosos amigos, não só de Aveiro como de Viseu, nomeadamente pelos Prelados, titular e auxiliar, dessa diocese, pelo Bispo da Guarda e pelo Chefe do Distrito de Viseu.

Apraz-nos poder registar que, ao cabo de quase um mês de cuidadoso tratamento, o Dr. Hermínio Faro recuperou consideràvelmente, sendo de esperar — e assim o desejamos — que possa regressar em breve às suas afanosas actividades.

● Inspira as maiores preocupações a grave doença da sr.ª D. Maria da Conceição Pina Ala dos Reis, esposa do nosso bom amigo Dr. Hermes Ala dos Reis.

A Casa de Saúde da Vera-Cruz, onde ficou internada logo depois dum súbito ataque, têm acorrido numerosas pessoas para se informarem do estado da distinta senhora.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

CLUBE DOS GALITOS

INICIATIVAS CÍVICAS E BENEMERENTES

Desde os primórdios intimamente ligado à vida da Cidade, o glorioso Clube dos Galitos, mau grado as dificuldades financeiras com que luta, entendeu constituir-se em indeclinável obrigação: na medida do possível, apoiar todas as instituições e actividade que interessem a Aveiro.

Assim, no rumo desta política tradicional, o Clube, no ano corrente, inscreveu-se como associado das duas Corporações locais de *Bombeiros Voluntários* e da *Banda Amizade,* mantendo-se sócio do *Conservatório Regional,* como aliás o foi da *Gota de Leite,* até à extinção deste benemérito estabelecimento de assistência materno-infantil; tornou-se contribuinte anual da *Liga Portuguesa contra o Cancro*; ofereceu a cada um dos alunos das Escolas Primárias que participaram no *V Encontro da Criança do Distrito Escolar de Aveiro* (cerca de mil) uma lembrança comemorativa dessa festa; e instituiu um prémio especial para o aluno que, no presente ano lectivo, conclua o seu curso na Escola Técnica de Aveiro com melhor classificação, desta maneira prestando homenagem àquele prestigioso estabelecimento de ensino, no momento em que celebra o 75.º aniversário da sua fundação:

NOVA SEDE

Andamento dos trabalhos

Só depois de demolido o prédio onde estava instalada a Farmácia Ala foi possível realizar o estudo geotécnico do terreno, por ser na zona até aí ocupada por aquele edifício que se vai construir a caixa das escadas da sede, exactamente o ponto sujeito a maiores cargas.

Em consequência de tal estudo — que importou em cerca de 20 000$00 —, concluiram os técnicos pela necessidade das fundações serem executadas em estacaria de cimento armado, assentes no firme, que se situa a uma profundidade média de 23 metros.

Aberto concurso para a realização da empreitada das fundações, e apreciadas as propostas recebidas, foi aquela adjudicada à *Empresa de Sondagens Teixeira Duarte, L.da,* por ser a que melhores condições oferecia.

Com a construção de 26 estacas necessárias, respectivos lintéis, transporte de entulhos e demolições imprescindíveis, o Clube irá dispender *400 000$00,* importância esta não incluída na estimativa do custo da obra, já divulgada pùblicamente.

Decorrem os trabalhos de colocação da referida estacaria, devendo a empreitada das fundações estar concluída no fim do próximo mês. Imediatamente se seguirá a construção do edifício pròpriamente dito.

Salão Aveiro IV

Continuação da primeira página

contrada mas que anuncia a era atómica que já vivemos.

Brito — Em relação a esta pergunta, seria conveniente formular de que espécie de pintura se trata. Estamos a pensar na «Guernica»? Na «Nature morte à la soupière», de Cézanne? Nas «Máscaras disputando um enforcado», de Ensor, ou num trabalho de Soulages? Isto é: que espécie de pintura nos propomos? Há de facto uma pintura? A pintura reveste o estado de espírito do artista, a sua idiossincrasia, as formas de envolvência do mundo exterior, a sua integração no mundo social, a sua tensão interior? Não será nisto tudo que estará a razão de ser da pintura, a maneira como ela se manifesta?

2. Assim como não há teatro sem público, também a pintura (englobando nesta classificação a cerâmica) tem de ter necessàriamente um público que justifique a sua existência. O que acha deste público? Crê que é semelhante ao público de literatura ou de música, por exemplo?

Carbaty — Julgo que toda e qualquer manifestação artística tem um público que lhe é afecto, mas a sua existência só tem importância ou é necessária se dela estiver dependente a sua continuidade. Em relação à pintura, só a mercenária, aquela que é produzida em função de vontades estranhas ou que lhes é mais conveniente, está directamente dependente do público. Na chamada pintura de arte, que é aquela que nasce duma necessidade interior e procura reflectir a vigilância do artista sobre o mundo, essa, já porque é espontânea, pode existir e existe sem público.

Brito — Não há teatro sem público, de facto, mas todo o público é susceptível de ir ao teatro. Claro que quanto mais especializado é esse público mais possibilidades tem o artista de travar um diálogo actuante com ele. No entanto, a função do artista é dirigir-se a todo o público em geral.

3. O público das exposições alega que os preços das artes plásticas nem sempre estão de acordo com uma possibilidade geral de compra. Pessoalmente, e como representante desse público, creio ter fundamento esta alegação. Não concorda que para a fomentação das artes plásticas tem de haver por parte do artista um maior sacrifício para vender os seus trabalhos por preços mais acessíveis?

Carbaty — Esta pergunta dá às anteriores uma orientação de ordem comercial a que tenho fugido. Como a ela tenho que responder e porque, apesar de tudo, a pintura de arte é exposta em salões e atrai assistência, só teremos que louvar os prémios pecuniários como os que o Sr. Governador Civil de Aveiro concede, já que estes são a única certeza e estímulo positivo. Quanto ao resto não há discussão, mas se a houver, a palavra também deve ser dada aos parasitas que vivem da extorsão de percentagens sobre os trabalhos vendidos e que também por isso aumentam de preço. Falar, porém, de obras caras, quando assistimos à venda de obras mercenárias a 10 000$00, numa recente exposição que rendeu quase 35 000$00 e no mesmo Teatro onde está exposto o Salão Aveiro IV, é minimizar o poder de compra e esquecer que cada obra de arte é um pedaço do indivíduo que a criou, com tempos de reflexão, momentos de angústia e muito dinheiro gasto.

Brito — No que respeita à exposição que deu origem a esta entrevista — Salão Aveiro IV, que em boa hora foi instituído e pena é que não tenha sido ainda alargado ao âmbito nacional —, começo por dizer que nem sequer atribuí qualquer preço aos meus trabalhos, mas reconheço que um artista consciente tem que ser bem pago: em cada um dos seus trabalhos há reflexão, há esforço, há tempo; não é mera questão de material gasto.

JÚLIO HENRIQUES

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

CONCURSO MÉDICO

Está aberto concurso documental de provimento por 20 dias, com início em 26 de Junho de 1968 para médicos de CLÍNICA MÉDICA da Delegação Clínica de Vista Alegre, devendo a documentação ser entregue na Zona Centro — Rua Antero de Quental, 180 a 184 — Coimbra ou na Sede — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º — Lisboa, até às 18 horas, do dia 15 de Julho de 1968.

As condições de admissão encontram-se patentes na Zona Centro, Sede e na Delegação referida.

Lisboa, 20 de Junho de 1968

A DIRECÇÃO

CETA ...TEATRO *de* BOLSO e... *o* PÚBLICO

mos estruturar o nosso teatro, de que não podemos fazer um teatro visceral — modesta atitude perante o que valemos, o que ganhámos, os êxitos que obtivemos. E isto apesar de...

Temos muitas dificuldades, é certo, tantas que chegam a doer: — não se faz o Teatro que se deveria (em quantidade, principalmente), nem se cria o público que desejaríamos.

Certo! Certíssimo!

Teatro de Bolso — Precisa-se. É este o anúncio que anda nos jornais.

Na verdade o Teatro de Bolso permitia-nos a resolução de vários problemas, alguns até de ordem económica. Mas não concordo já que sem Teatro de Bolso não possamos fazer teatro e do melhor, com bastante sacrifício é certo. Recordo-me dos ensaios feitos nos corredores da antiga Sede do Galitos. Teatro cínico, autêntico, verdadeira escola. E teatro de sacrifício, que sem ele não é Teatro de amador.

Não pretendo dizer, por silogismo, que a uma maior miséria corresponde uma maior grandeza de alma. Interrogo-me apenas.

Aveiro, diz Idalécio Cação, faz um manguito às necessidades da colectividade, procura a revista e afasta-se do Teatro sério. Não dá um chavo. Não concluamos, apressadamente, e nem essa será a ideia de Idalécio Cação, de que estamos desprotegidos. Estamos recebendo ajudas de... e de... e de... Sem elas, nem sequer existiríamos.

Uma pergunta ponho à consideração: — teremos o direito de exigir (ou pedir) um Teatro de Bolso, para fazermos mais e melhor Teatro, ou teremos de fazer melhor e mais Teatro para então exigirmos (ou pedirmos) um Teatro de Bolso?

Outra pergunta ponho, desta vez à consideração dos cetistas: — sendo Aveiro a realidade que é, quando foi que fomos ao encontro dessa realidade, com Teatro apropriado? Ou então: — teremos de fazer Teatro pedagógico e criarmos assim uma nova realidade em Aveiro?

Talvez seja conveniente neste caso meditarmos sobre a prática de S. Paulo ao fazer-se romano entre os romanos, sem contudo deixar de actuar na linha do seu objectivo — trazer os romanos ao seu encontro.

O exemplo da Câmara de Lisboa pode servir-nos para um estudo, que é o das Câmaras, através do seu pelouro cultural, financiarem um ou dois espectáculos por ano. E faríamos uma **tournée** distrital, e em vez de três ou quatro espectáculos anuais, poderíamos, sem grande esforço, estendermos por um ano, o trabalho exaustivo de três meses de ensaios. Esta iniciativa, ao nível distrital, nunca a tomámos. Era de tentar.

Estaremos definitivamente num beco sem saída? Eu não creio mas, mesmo que assim fosse, não nos podemos queixar das realidades que nos cercam. Elas existem e com elas temos de conviver ou lutar. Não se pode sair deste dilema.

Seria até muito interessante que Aveiro pudesse saber quais as nossas verdadeiras intenções, qual o valor dos homens que respondem pelo teatro amador local e quais os planos que temos para uma verdadeira estruturação de toda a actividade artística do Círculo de Teatro de Aveiro. Sem isso, falar de Teatro de Bolso, parece-me prematuro. Pelo menos, exige-se que todos conheçam melhor as necessidades que temos dum Teatro de Bolso.

Bartolomeu Conde

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi adjudicado o «Fornecimento de mobiliário e material didáctico para o Bloco Escolar dos Areais de Esgueira», pela importância de 187 449$00.

● Foi adjudicada a empreitada de «Pavimentação, asfalto, de um troço, da Rua da Fonte Velha (C. M. 1 515) na Quinta do Picado — 1.ª Fase», pela importância de 166 800$50.

● Foram aprovados 3 autos de medição de trabalhos das seguintes obras, para efeito de pagamento aos empreiteiros: 1) — Construção civil do Matadouro Regional de Aveiro, 163 941$70; 2) — Pavimentação a cubos, da Rua da Senhora da Graça, em Eixo — troço entre a E. N. 230 e a Rua do Cemitério, 19 565$00; e 3) — Pavimentação da Estrada Nova do Canal, 52 770$00.

● Foi aprovado o projecto definitivo da pavimentação, a xadrês preto e branco, dos passeios adjacentes da Praça da República e Esplanada.

● A Comissão Municipal de Turismo foi encarregada da orientação e execução de uma nova edição do Roteiro da Cidade.

● Foram apreciados 22 processos de obras que mereceram os seguintes despachos: 14 deferimentos, 2 indeferimentos e 6 informações.

PELA JUNTA AUTÓNOMA

NAVEGAÇÃO

Entradas: dia 14 — navio-motor português NAVEGANTE, de 1 149 tAB, proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde; dia 15 — navio-motor português CIDADE DE AVEIRO, de 2 304 tAB proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde; dia 16 — navio-motor português JAIME SILVA, de 260 tAB, proveniente de Safi, com gesso cru em pedra; dia 17 — navio-motor SANTOS CRISTINA de 2 052 tAB, proveniente dos pesqueiros, com bacalhau verde; dia 19 — navio-tanque português ROCAS, de 1 424 tAB, de Lisboa com combustíveis líquidos; e dia 20 — navio-tanque norueguês OLGA, de 498 tAB, proveniente de Roterdão, em lastro.

Saídas: dia 18 — navio-motor REUS, para Pasajes, com carregamento de pasta de papel e; dia 19 — navio-tanque português ROCAS, para Lisboa, em lastro.

V ENCONTRO DA «CRIANÇA DO DISTRITO ESCOLAR DE AVEIRO»

Por iniciativa do sr. Dr. Manuel Louzada, Governador Civil de Aveiro, realizou-se nesta cidade, no penúltimo domingo, a exemplo dos últimos anos, o V Encontro da «Criança do Distrito Escolar de Aveiro» — curiosa festa juvenil que reuniu cerca de um milhar de crianças das escolas primárias dos concelhos aveirenses, num belo e animado espectáculo que bem demonstra a meritória acção circum-escolar do professorado da nossa região.

Precedendo o festival, houve um desfile das crianças que nele iam tomar parte, perante o Chefe do Distrito, que se encontrava acompanhado pelo Director-Geral do Ensino Primário e pelas diversas autoridades civis, militares e eclesiásticas aveirenses. As várias embaixadas escolares seguiram da Praça do Marquês de Pombal para o Parque do Infante D. Pedro, onde, na aprazível Avenida das Tílias, se efectuou depois o interessante espectáculo, presenciado por numeroso público.

O sr. Prof. José Lavado Corujo, Director do Distrito Escolar, realçou a missão dos professores e o seu esforço na preparação dos alunos para a festa, agradecendo ao sr. Governador Civil o carinho que desde sempre tem dedicado à sua organização.

Subiram depois ao palco, sucessivamente, alunos e alunas das Escolas de Aveiro (apresentando uma adaptação de Bartolomeu Conde da peça «Gota de Mel», de Chancerel); Entroncamento-Mealhada (com uma classe de ginástica); Ílhavo (representado por um grupo de «Padeirinhas»); Arrifana-Feira (em três interesantes quadros vivos); Senhora do Monte-Estarreja (numa fantasia baseada num auto de Gil Vicente) e Avanca-Estarreja (em dois bailados); Oliveira de Azeméis (com nova classe ginástica); Vagos (apresentando danças, cantos e um recitativo); Relva de Esmoriz-Ovar (na representação de «A Criança Adormecida»); Murtosa (com «Molho de Escabeche» e uma «Rapsódia à Beira-Mar); Vergada-Feira (numa série de cenas infantis); Vilarinho-Cacia — Aveiro (evocando o típico «Real das Canas»); Troviscal — Oliveira do Bairro (com números musicais); Arouca (com danças e cantares); e Espinho (apresentando um arranjo cénico original da Prof.ª D. Maria Helena de Sá Morgado, intitulado «Portugal e a Cruz»).

Findo o espectáculo, que o público frequentemente interrompeu com demorados aplausos, foi servida uma merenda a todos os participantes da festa, proporcionando às crianças novos momentos de alegre convívio. A merenda foi oferecida por diversas empresas aveirenses.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

Amanhã AVEIRO EM ÉVORA

Amanhã, domingo, Aveiro também estará em Évora, integrado no Cortejo do Trajo Nacional, número grande do programa da Feira de S. João, na grande cidade alentejana.

Para cima de dezena e meia de figurantes — tricanas antigas e modernas, mordomos e mordomas dos «Ramos», marnotos e salineiras, o saudoso «gabão», camponesas de Cacia e S. Bernardo — farão conjunto colorido, numa impressiva jornada etnográfica, condigna dos nossos brios — assim o esperamos, pois sabemos do empenho que a Comissão Municipal de Turismo dispensou à nossa representação.

Com bem fundamentadas razões, perguntava-se, há dias, em *O Primeiro de Janeiro:* Por que não mostrar também aos aveirenses *de hoje*, muitos deles ignorantes das tradições do cais, tão elucidativo e aliciante conjunto? «Por que não aproveitar esse louvável esforço para radicar os aveirenses mais profundamente à sua terra?»

Perfilhamos inteiramente a oportuníssima sugestão.

NOVOS FILMES DE VASCO BRANCO

Em sessão privada, o consagrado cineasta aveirense Dr. Vasco Branco apresentou há dias, em ante-estreia, três novos filmes de 8 mm. que recentemente concluiu.

«Gente Trigueira» de ajustado colorido, procura traduzir a gesta dos moliceiros e dos marnotos, dos homens tostados pelo sol que mourejam na Ria de Aveiro; «Planeta Gaus», também a cor, é um filme abstracto; finalmente, «Rajada», a preto e branco, completa a trilogia de novas películas e de novos triunfos de Vasco Branco.

«VERBENAS DE AVEIRO»

No recinto das «Verbenas de Aveiro», haverá, esta noite, novo baile popular, no Rinque do Parque.

Amanhã, à noite, realiza-se novo espectáculo de variedades, em que actuam os cançonetistas António Mourão, Anita Guerreiro, Idália Maria, Lena Calazans e Vítor Teixeira, e locutor Tony e o «Conjunto Portuense».

NAVIO CISTERNA «PORTO DE AVEIRO»

O sr. Ministro da Marinha visitou, há dias, na doca de Alcântara, em Lisboa, o primeiro navio-cisterna da frota mercante portuguesa — o «Porto de Aveiro».

Esta unidade, construída na Noruega em 1960, custou 26 mil contos à empresa «Transnavi» — Sociedade Portuguesa de Navios Cisternas, e destina-se ao transporte de vinhos a granel da Metrópole para o Ultramar.

O facto do navio ter sido baptizado com o nome de «Porto de Aveiro» representa homenagem, que muito nos honra e desvanece, dos seus armadores à nossa cidade e ao nosso porto.

«DIA DA MULHER PORTUGUESA»

Comemorando o «Dia da Mulher Portuguesa», realiza-se na Sé Catedral, na próxima segunda-feira, 1 de Julho, pelas 19 horas, uma missa mandada celebrar pela Caritas Portuguesa, pelas Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo, pela Obra das Mães, pela Educação Nacional, pela Mocidade Portuguesa Feminina e pelo Movimento Nacional Feminino.

PADRE MANUEL FIDALGO

Uma vez mais, embarca na próxima terça-feira, em avião da TAP, para a América do Norte, o Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo. Com ele viajam sua mãe, sr.ª D. Belmira Pato Fidalgo, e seu tio, Rev.º Padre Augusto Carlos Fidalgo, zelozo Pároco do Torrão, em Entre-os-Rios.

Ali vão todos de visita a pessoas de família; e o ilustre Director do *Correio do Vouga* aproveitará o ensejo para se restabelecer da sua combalida saúde, no repouso de merecidíssimas férias.

Num abraço de despedida vão os nossos votos duma feliz viagem.

VIDA COMERCIAL

Abriu ao público, na passada segunda-feira, na Rua de José Estêvão (n.º 40 e 42), um estabelecimento comercial, montado com sobriedade e bom-gosto: a «Casa Branco», de que é proprietário o o sr. Manuel Branco de Oliveira, sócio da firma OSITEX, L.da.

O novo estabelecimento, com orientação de vendas a cargo da sr.ª D. Sofia Ratola, destina-se ao comércio de fios de lã e de fibras para «tricot», vindo preencher uma necessidade crescente do público interessado na compra destes artigos.

Desejamos as melhores prosperidades à «Casa Branco» e ao seu dinâmico proprietário.

Importante COMPETIÇÃO CICLISTA

O «Grande Prémio PHILIPS» vai trazer até Aveiro o sabor sempre apetecido, duma prova ciclista. Pelas 11.30 horas de amanhã, domingo, será em Aveiro o final da etapa iniciada em Coimbra.

Nesta importante prova tomam parte as mais categorizadas equipas portuguesas da modalidade — Sangalhos, Sporting, F. C. do Porto, Benfica, Grupo Desportivo da Ambar (em estreia como profissional), Tavira, além da famosa equipa espanhola G. D. Karpy, representada na sua máxima força pelo célebre Manzaneque, pelo internacional Piñera, por Sagarduy (o «Rei da Montanha» na Volta do Futuro), por Goyneche (3.º na Volta de Inglaterra e 2.º no Campeonato do Mundo contra-relógio), por Uribezulia (2.º na Volta de Inglaterra e vencedor na Volta de Andorra) e, ainda, por mais dois famosos corredores.

Os ciclistas entrarão na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, vindos da Ponte da Dobadoura, seguem pela Ponte-Praça, sobem a Avenida até à Estação da C. P. e descem-na depois até à meta, instalada frente à «Tonelux», casa aveirense representante da PHILIPS.

Cartões de Visita

DOENTES:

● Esteve internado na Casa de Saúde da Vera-Cruz, e dali transitou para Coimbra, o sr. Major Eng.º Armando Moreira de Campos, que tem experimentado sensíveis melhoras dos seus padecimentos, com o que muito folgamos.

● Acometido de doença súbita, quando vinha da Gafanha para Aveiro, deu entrada na mesma Casa de Saúde o nosso bom amigo Dr. Hermínio Faro, distinto médico e Subdelegado de Saúde em Sátão.

Tem sido muito visitado o ilustre enfermo por numerosos amigos, não só de Aveiro como de Viseu, nomeadamente pelos Prelados, titular e auxiliar, dessa diocese, pelo Bispo da Guarda e pelo Chefe do Distrito de Viseu.

Apraz-nos poder registar que, ao cabo de quase um mês de cuidadoso tratamento, o Dr. Hermínio Faro recuperou consideràvelmente, sendo de esperar — e assim o desejamos — que possa regressar em breve às suas afanosas actividades.

● Inspira as maiores preocupações a grave doença da sr.ª D. Maria da Conceição Pina Ala dos Reis, esposa do nosso bom amigo Dr. Hermes Ala dos Reis.

A Casa de Saúde da Vera-Cruz, onde ficou internada logo depois dum súbito ataque, têm acorrido numerosas pessoas para se informarem do estado da distinta senhora.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

CLUBE DOS GALITOS

INICIATIVAS CÍVICAS E BENEMERENTES

Desde os primórdios ìntimamente ligado à vida da Cidade, o glorioso Clube dos Galitos, mau grado as dificuldades financeiras com que luta, entendeu constituir-se em indeclinável obrigação: na medida do possível, apoiar todas as instituições e actividade que interessem a Aveiro.

Assim, no rumo desta política tradicional, o Clube, no ano corrente, inscreveu-se como associado das duas Corporações locais de *Bombeiros Voluntários* e da *Banda Amizade*, mantendo-se sócio do *Conservatório Regional*, como aliás o foi da *Gota de Leite*, até à extinção deste benemérito estabelecimento de assistência materno-infantil; tornou-se contribuinte anual da *Liga Portuguesa contra o Cancro*; ofereceu a cada um dos alunos das Escolas Primárias que participaram no *V Encontro da Criança do Distrito Escolar de Aveiro* (cerca de mil) uma lembrança comemorativa dessa festa; e instituiu um prémio especial para o aluno que, no presente ano lectivo, conclua o seu curso na Escola Técnica de Aveiro com melhor classificação, desta maneira prestando homenagem àquele prestigioso estabelecimento de ensino, no momento em que celebra o 75.º aniversário da sua fundação:

NOVA SEDE

Andamento dos trabalhos

Só depois de demolido o prédio onde estava instalada a Farmácia Ala foi possível realizar o estudo geotécnico do terreno, por ser na zona até aí ocupada por aquele edifício que se vai construir a caixa das escadas da sede, exactamente o ponto sujeito a maiores cargas.

Em consequência de tal estudo — que importou em cerca de 20 000$00 —, concluiram os técnicos pela necessidade das fundações serem executadas em estacaria de cimento armado, assentes no firme, que se situa a uma profundidade média de 23 metros.

Aberto concurso para a realização da empreitada das fundações, e apreciadas as propostas recebidas, foi aquela adjudicada à *Empresa de Sondagens Teixeira Duarte, L.da*, por ser a que melhores condições oferecia.

Com a construção de 26 estacas necessárias, respectivos lintéis, transporte de entulhos e demolições imprescindíveis, o Clube irá dispender *400 000$00*, importância esta não incluída na estimativa do custo da obra, já divulgada pùblicamente.

Decorrem os trabalhos de colocação da referida estacaria, devendo a empreitada das fundações estar concluída no fim do próximo mês. Imediatamente se seguirá a construção do edifício pròpriamente dito.

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

2.ª Publicação

Doutor Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faz público que *Maria da Anunciação Gamelas Vieira*, residente na Rua de S. Sebastião, n.º 87, desta cidade, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de sua irmã *Maria José Gamelas Vieira*, do jazigo n.º 100 para a sepultura n.º 286 do Cemitério Central.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da data da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação requerida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da lei, prefira ao requerente, no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 12 de Junho de 1968

O Presidente da Câmara,

Artur Alves Moreira

Litoral — Ano XIV — 29-6-68 — N.º 712

VENDE-SE

Antiga casa de FRANCELINA DO RATO, sita na Rua 5 de Outubro, em Esgueira, ou seja a actual Rua Vicente Almeida d'Eça, bem como outra casa ao lado. Preço de ocasião. Falar com Manuel Marques de Oliveira, na Rua José Luciano de Castro — Esgueira, todos os dias, das 11 às 14 horas, ou, ainda, com João Lopes de Almeida Júnior, na Sopanil — Ílhavo.

Oferece-se

Para empregado de escritórios, rapaz, com 17 anos, frequência do Curso de Aperfeiçoamento de Comércio, encartado em dactilografia.

Respostas a esta Redacção ao n.º 35.

Tractor — Vende-se

Marca «Ferguson», de 45 H. P., em muito bom estado, bem como a respectiva charrua e acessórios.

Falar com Arlindo Cruz, no Grémio da Lavoura, em Aveiro.

VENDE

COTA representando 40% do capital da firma Boia & Irmão, L.da.
CARLOS PEREIRA BOIA
Cais do Paraíso — AVEIRO

Só se trata com o interessado pessoalmente.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Proc. n.º 38-A/67
2.ª Secção — 2.º Juízo
1.ª Publicação

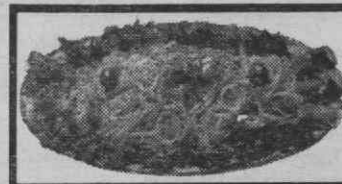
Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Aveiro e 2.ª secção, nos autos de execução de Sentença que Banco Fonsecas & Burnay, com sede na Rua do Comércio, número cento e trinta e dois, em Lisboa, move contra Maria da Apresentação Vieira Alves, viúva, gerente comercial, residente em São Bernardo; Nazaré Vieira, solteira, comerciante, residente na Rua Homem Cristo Filho, em Aveiro; e Maria da Conceição Vieira e marido, João Nunes Moreira, residentes em São Bernardo — Aveiro, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real na execução.

Aveiro, 21 de Junho de 1968

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Orlando João Silva e Melro

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

Litoral — Ano XIV — 29-6-68 — N.º 712

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

2.º Juízo — 2.ª Secção
Proc. 12-A/67

Faz-se público que pelo Juízo de Direito desta comarca de Aveiro e 2.ª secção, nos autos de execução de Sentença que Joaquim Marques Lincho Junior, casado, industrial, residente em Sá — Sangalhos, da comarca de Anadia, move contra João Gonçalves Magalhães e mulher, Rosa dos Santos Gilsans Magalhães, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Esgueira, desta comarca, correm éditos de vinte dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real na execução.

Aveiro, 11 de Junho de 1968

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Orlando João Silva e Melro

O Escrivão de Direito,
Armando Rodrigues Ferreira

Litoral — Ano XIV — 29-6-68 — N.º 712

VENDEM-SE em AVEIRO

Num edifício em construção—Cave-r/c. e 5 andares, entre o Liceu e a Escola Industrial e Comercial-Moradias no regime de propriedade horizontal. Moradias de 128-169 e 246 m2 de área útil e mais um salão colectivo com a área de 30 m2.

Trata: A Predial Aveirense

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 97-1.º

Telefs. 22383/4—**AVEIRO**

MECANAUTO

de *Porfírio, Miranda & Saraiva, L.da*

COSTA DO VALADO—AVEIRO

Telefone 94114

Reparações em Automóveis, Camions, Tractores e Motonáutica

Tem o prazer de comunicar que foram nomeados Agentes exclusivos para o Distrito de Aveiro, dos motores marítimos **EVINRUDE**

Eficiência

Tranquilidade

Resistência

EVINRUDE é projectado para dar emoção e segurança ao seu passeio e ao seu desporto predilecto. É realmente versátil no terreno profissional, adaptando-se a qualquer tipo de embarcação. Modelos fora de borda de 1,5 HP a 100 HP. e **STERN DRIVE**—motores a 4 tempos com coluna móvel-de 80 HP a 210 HP.

Stock de peças e assistência técnica especializada garantida.

Convidam-se todas as pessoas a assistir no próximo sábado, dia 29, pelas 15 horas, no Canal Central, junto ao Clube Naval de Aveiro, à demonstração dum motor **EVINRUDE 15 HP**, *com um adaptador para consumo de tractol, sistema revolucionário que se adapta a todos os motores* **EVINRUDE** *de 15 a 40 HP, tornando-os assim económicos em mais de 50°/o*

BRANCO ?

SIM...

BRANCO é já uma realidade ao dispor de todas as Senhoras que gostem de tricotar. **BRANCO**

É...

em Aveiro, uma Casa especializada em fios para tricot, uma Casa que possui a maior variedade em **fios de lã** e **acrílicos** dos mais variados tipos

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDA

CASA BRANCO

— Rua de José Estêvão, 40—**AVEIRO**

PHOTOGRAY

Lente branca que se torna escura sob a acção dos raios solares

Estabelecimentos de **ÓPTICA MÉDICA** de

VERDE & SIMÕES

Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 93
Rua de Viana do Castelo, 13-14

AVEIRO
Telefone 23570

Manuel da Costa Genrinho, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de 29 de Maio de 1968, exarada de folhas 17 a 19, verso, do livro para escrituras diversas A-432, deste cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre Manuel da Costa Genrinho e Manuel Ferreira Genrinho, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma Manuel da Costa Genrinho, Limitada, tem a sede no lugar da Quinta do Gato da freguesia de Esgueira do concelho de Aveiro e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Segundo — O objecto social consiste na indústria de transportes de automóveis e em qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que venham a acordar.

Terceiro — O capital social, já integralmente realizado, é de 110 contos e está representado por duas quotas: uma de 10 000$00, do sócio Ferreira Genrinho, realizada em dinheiro entrado na caixa social; ontra de 100 000$00, do sócio Costa Genrinho, realizada com o veículo automóvel marca Volvo número SN-90-90 e todas as licenças que ao mesmo respeitam, designadamente a relativa ao transporte de mercadorias em regime de aluguer num raio de acção superior a 100 quilómetros, passada pela Direcção de Viação de Coimbra sob o número 7 798 — veículo e licença cuja propriedade transfere para a sociedade naquele valor global de 100 contos.

Quarto— A gerência, dispensada de caução, cabe ao sócio Manuel da Costa Genrinho e a quaisquer outras pessoas que a Assembleia Geral venha a eleger para o efeito.

Os documentos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer gerente; mas a sociedade só se considera obrigada mediante a assinatura do gerente Costa Genrinho ou de pessoa, mesmo não sócia em quem este tenha delegado os poderes de gerência, através de procuração.

Quinto — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios. A favor de estranhos só será válida com prévia autorização da sociedade.

Sexto — O sócio Manuel da Costa Genrinho fica já autorizado a dividir a sua quota em três: — uma de 80 contos, que reservará para si; uma, de 10 contos, para ceder ao filho António; e outra, de 10 contos, para ceder à filha Olga. As cessões referidas neste artigo poderão ser feitas a título gratuito ou oneroso.

Sétimo — Se a lei não exigir formalidades especiais, as reuniões das Assembleias Gerais serão convocadas por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de 8 dias.

Oitavo — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, mas os herdeiros do falecido terão de designar um dentre eles para os representar a todos nela enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Nono — Dissolvendo-se a sociedade, a Assembleia Geral nomeará os liquidatários e fixará a forma da liquidação.

Está conforme ao original.

Aveiro, 6 de Junho de 1968

O 3.º Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XIV — 29-6-68 — N.º 712

Vende-se

— ou aluga-se, armazém com 250 m² cobertos e 2 500 m² de terreno, com corrente trifásica, telef., casa de banho com água canalizada, escritório, uma máquina de soldar e uma ventoinha eléctrica de forja. Serve para qualquer indústria ou exploração pecuária. Telefone 22663.

Serviços Municipalizados de Aveiro

AVISO

Lista dos candidatos aprovados nas provas práticas, realizadas no dia 5 de Junho corrente, para OPERADOR DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE do quadro de pessoal menor e respectivas classificações:

MARIA LA SALETE SILVA MATIAS — 11,7 valores
ALDINA RIBEIRO SANTOS — 10,1 »

Os restantes candidatos ou faltaram à prestação das provas ou foram excluídos.

O Conselho de Administração deliberou assalariar a concorrente classificada em primeiro lugar para o preenchimento da vaga existente, devendo completar a sua documentação no prazo de 15 dias.

Aveiro e Serviços Municipalizados, 21 de Junho de 1968

O Presidente do Conselho de Administração,

Dr. Artur Alves Moreira

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 9 do próximo mês de Julho, pelas 11 horas, no Palácio de Justiça desta comarca de Aveiro e nos autos de Execução por Custas e Pedido pendentes na 2.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca que o Digno Magistrado do Ministério Público move contra os executados Raul de Castro e Silva e mulher, Maria Rosa Sanches de Campos Castro Silva, que foram moradores na Rua de José Rabumba, 24, desta cidade, por apenso aos de Acção Sumaríssima que contra os mencionados executados moveu Pedrosa & Tavares, Limitada, desta cidade, hão-de ser postos pela 3.ª vez em praça, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido, pois vão à praça sem qualquer valor, vários móveis como um rectificador eléctrico, uma máquina de soldar eléctrica e um esmerilador eléctrico, que foram penhorados àqueles executados.

Aveiro, 19 de Junho de 1968

O Escriturário,

José Carlos Machado Cruz

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XIV — 29-6-68 — N.º 712

Trespassa-se

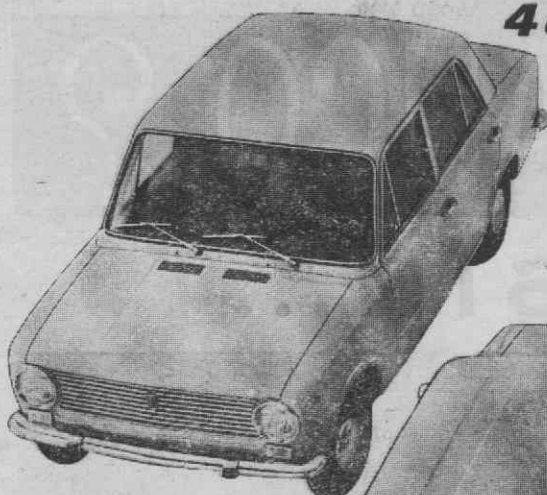
Estabelecimento de mercearia, casa de pasto e vinhos, bem afreguesada, na Rua de José Rabumba, 36-38, em Aveiro.

Passa-se

Padaria de Vilarinho. Tratar com o proprietário na mesma ou pelo telefone n.º 91205.

Cozinheira

Precisa-se, que seja competente e dê boas referências, para prestar serviço no Hospital de Ílhavo.

Pedir informações na Secretaria do mesmo. Telefone n.º 24156/7 — Aveiro.

Escola Técnica

Continuação da última página

sr. Dr. Manuel Louzada, tomaram ainda assento na mesa os srs.: Dr. Carlos Proença; Dr. Rui Corte-Real Amaral, Delegado do I. N. T. P.; Dr. Fernando Marques, Delegado Distrital da M. P.; Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal; Dr. Amadeu Cachim; e, em representação do Comandante Militar, o sr. Major Aníbal Borges. Em lugar destacado, via-se o sr. D. Manuel de Almeida Trindade; e, nas primeiras filas, os srs. Comandantes da P. S. P., da G. N. R. e da G. F., Director do Distrito Escolar, Reitor do Seminário de Santa Joana, Directores das Escolas Técnicas do Distrito, antigos e actuais professores da aniversariante, além de outras distintas individualidades.

Abriu a sessão, com alguns números corais, o Orfeão do Ciclo Preparatório do 1.º e 2.º anos. Depois, o ilustre Director da E. I. C. A. saudou os presentes, explanou a motivação da festa, relevou a enorme projecção da Escola, ao longo de 75 anos, nas artes, no comércio e na indústria regionais, louvou o meritório impulso que o Estado tem conferido ao ensino técnico e enumerou as razões que o levaram a convidar o antigo professor Dr. David Cristo para palestrante naquela sessão. Este historiou a evolução do ensino artístico e técnico em Aveiro, desde os primórdios, de iniciativa municipal, até à data da oficialização superior, facto ali especialmente memorado, e de então até ao presente, para concluir que, quanto se faça no Distrito de Aveiro nos domínios da pedagogia técnica, é capital altamente rentável ao nível da economia nacional.

Encerrou a sessão, em breves palavras, o Chefe do Distrito, que depois procedeu à distribuição de prémios escolares aos alunos Francisco Manuel Carvalho, José Lídio Simaria, José Alberto Pereira, Maria Noémia Simões, Domingos Carvalho Serão, António Gonçalves, João Marques Pardinha, Maria de Lourdes Oliveira Sarrico, Maria do Carmo Frias, e ainda a outros, cujos nomes lastimamos não termos conseguido registar. Foi lida uma carta que anunciava, neste aniversário, um prémio conferido pelo prestigioso Clube dos Galitos ao melhor aluno da Escola.

Seguiu-se a abertura de uma exposição de trabalhos escolares: em quatro amplas salas o público pôde apreciar, concretamente, palpàvelmente, a eficiência do ensino ministrado na tão prestimosa — e justamente prestigiada Escola Industrial e Comercial de Aveiro, sòlidamente erguida sobre alicerces lançados há três quartos de século e a projectar-se auspiciosamente no futuro como certeza de progresso na vida das tão progressivas terras aveirenses.

C. A.

Para ver Nureyev

Continuação da primeira página

fazer uma refeição mais ou menos opulenta, até o despir de cintas apertadas e descalçar de meias, para impedir o desmaio sem ninguém dar por isso, no meio do aperto monstro que impediu de ver fosse o que fosse. Só o **clan** reduzido que fazia barreira se dava conta de tais peripécias.

Às 20 horas abria-se a sala de espectáculos, e depois... o salve-se quem puder fazia lei. Na última noite houve intervenção da polícia, disseram-me (eu não vi) de cassetetes em riste e tudo, pois o atropelo era tal que havia o risco de alguém ser esmagado ao entrar. Uma vez na geral era ver quem mais corria para apanhar melhor lugar, e não queiram saber o número de cadeiras e bancos de lona, de todos os tipos, que apareceram nas galerias e por detrás da geral! Calor sufocante. Gente comprimida sem poder esticar nem pé nem perna, nem quase dedo de mão cerca de 4 a 5 horas. Uma jovem que exausta se viu na necessidade de tirar a cinta para não cair para o lado, era tímida e torcia-se em aflições. Logo uma despachada do grupo lhe segreda:

— Vamos, tira a cinta...

— Caiem-me as meias...

— Descalça as meias...

— Não tenho onde guardar nada...

Mas a falta de forças aumentara e automàticamente, já sem reflectir, a mocinha que quisera vir elegante e para isso pusera uma cinta mais apertada, escamoteou-a abrigando-se com o casaco que tinha aos ombros fazendo-a escorregar pernas abaixo, descalçou meias, ficou de pernas à vela, respirou fundo... e ganhou forças para esperar por Nureyev mais 3 ou 4 horas...

E cenas semelhantes repetiram-se naquelas esperas corajosas e entusiásticas. A compensação veio, num deslumbramento, em visão irreal. Mas por que preço! Sacrifícios e fadigas de toda a ordem e em bom papel do Banco de Portugal pois houve quem pagasse mil e quinhentos escudos por uma plateia (sempre no Coliseu) para a última representação.

Ao mesmo tempo é consolador ver esta loucura colectiva motivada por um espectáculo de arte pura, sublime, que nenhum «ídolo» até hoje entre nós conseguiu. Um bravo aos que tiveram a coragem de padecer por tão bela causa!

CAROLINA HOMEM CHRISTO

PONTO *de* DESOLAÇÃO...

Continuação da última página

no âmbito social português: o da extinção do artesanato, sem a concomitante passagem (a mais das vezes) a uma industrialização ou mecanização que o substituam e ultrapassem. Os barcos rabelos desaparecem do Douro, os moliceiros do Vouga? — O tráfego rodoviário e os adubos químicos explicam-no, em parte. Mas o que se perdeu não foi recuperado nem compensado: envolve importações sem contrapartida, deixa os cursos de água desertos e, naqueles sentidos, inúteis. As incidências do progresso agravam a dependência económica e votam ao abandono os recursos regionais». (Diário de Lisboa de 8/2/68). Quem se der ao trabalho de reler, sublinhará: o problema focado é o da decadência dos ofícios, regionalmente considerado em torno do Douro e do Vouga. O que há de determinativo, nestes, substitui fórmulas como: economia do Porto e economia de Aveiro; implica cursos de água e não rios apenas; e envolve uma alusão ao tráfego rodoviário e à rotura dos processos tradicionais de tempero das lavoiras. A expressão é atrevida? Será. Mas não é ilegítima: os moliceiros simbolizam, ali, toda a navegação regional, mediante o pendant que estabelecem com os rabelos, dado serem, uns e outros, os barcos mais típicos das duas áreas. O sentido conjuntural é claro e preciso. Generaliza, não restringe.

Mas há um último e definitivo argumento, ainda, este à escala dos moliceiros pròpriamente ditos: a Índia e a Terra Nova são áreas situadas acima do nível do mar, ou seja, enxutas. A primeira é um subcontinente; a segunda, uma ilha. Já haveria, então, barcos anfíbios quando começou a dizer-se «naus da Índia» ou «lugres da Terra Nova»?! Sê-lo-ão os actuais arrastões?! — O de determina um pressuposto, em todos esses casos: «naus (dos mares) da Índia»; «lugres (dos bancos) da Terra Nova». Pois bem, sucede o mesmo com «moliceiros do Vouga». Uma vez que não há moliço no rio, como não havia nem há mares em... terra, a designação envolve: «moliceiros (da foz) do Vouga». Estamos agora entendidos?

Em contrapartida do que argui, a frase de Marmelo da Silva tem um enquadramento preciso e estricto. A novela não tem um marco topográfico vago ou fantástico, como sucede com O Delfim de José Cardoso Pires, por exemplo, que se situa numa imaginária Gafeira (palavra construída à semelhança de Gafanha), que o autor localiza, com intencional imprecisão, a meio caminho entre o norte e o sul do País. Anquilose descreve, em pormenor, o triângulo Aveiro-Ílhavo-Costa Nova. E é nele que ressoa a frase: «... com os peixes a saltitar na Ria, à minha volta. Com as rãs ronronando-me nas têmporas, nos poros...» Marmelo e Silva justifica a frase com argumentos de ordem psicológica e estilística. Não deixa por isso de haver ilegitimidade, como fiz notar. Mas acontece (e não mexeria eu mais no assunto se a tal não me obrigassem) que não foi esse passo do seu livro o que me suscitou o reparo: muito antes, à pág. 118-9, já se lia: «Mas a sua rendição incondicional recebia-a, dias depois, num passeio pela Ria, que, ainda dançando [num baile da Assembleia], combinámos muito discretamente, e fizemos no seu próprio barco à vela. [...] Horizontalmente sob a copa azul do céu, misturado ao coaxar das rãs, na quietude liquida...».

Tem isto importância de maior? Não mais do que eu lhe dei num reparo de nada, comprovativo apenas de que lera o autor com atenção. Se alguém deu relevo a isso, todos foram — menos eu... Chegados somos ao termo desta nunca assaz louvada Guerra do Moliço Doce e da Rã Salgada, Deo gratias!

Por este ano, chega-me...

M. S.

Do Teatro Necessário

Continuação da última página

estas contradições, parece-me que ou é pelo facto de pertencer aos quadros do Círculo Experimental, e portanto desejar defender as suas ideogias, ou por não querer ver o problema por um prisma liberto de preconceitos que não aceita o que escrevi acerca de «O Diário de Anne Frank».

O que seria de nós se os grupos experimentais estivessem sempre (porque teriam que estar sempre) a montar peças para a «preparação do público»? Manter-se-iam na mesma situação que a do público, no fim de contas. Se não veja-se Melo Neto: «Se escrevesse só para analfabetos, o escritor, dentro de pouco tempo, seria analfabeto também. Tem de escrever uma «arte de cultura» mas também para uma «subida de cultura». Tomando esta ideia para o teatro, é só tirar conclusões. E ver que na realidade tem de haver um espírito de aventura, mesmo um pouco mais de sonho, nas realizações do Teatro Amador, para que se possam construir as bases daquilo que poderá ser «o teatro português».

JORGE LAGOS

PONTO *de* DESOLAÇÃO

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

lectual responsável também. Tão provinciano como eu, decerto. Mas culto e honrado. Com que entranhas desce, então, a insinuar que escrever um livro sobre Fernando Namora, para a colecção «O Homem e a Obra» da Editora Arcádia, constituiu um vínculo entre mim e essa casa?! Que fígados lhe transplantaram? Alguma vez me viu privilegiar, em crítica, os lançamentos dessa marca? Não soube notar que as minhas recensões os têm omitido, até? E que, a haver alma de frete, em mim, seria à editora do seu livro que eu o faria precisamente, dado que já publicou dois textos meus e anunciou a reedição dum outro? Ficou cego, também, para a crítica que fiz ao Diálogo em Setembro daquele autor, que tinha pontos nos ii equivalentes aos que pus na sua? — É fácil turvar as águas, mas não impedir que assentem! E não é bonito, meu Caro!, — quando camufla, sobretudo, a nossa incapacidade para resolvermos a questão que abríramos!

Não esgotei, decerto, todos os reparos que poderia fazer ao seu livro. Uma recensão não é nunca exaustiva: dá apenas um conspecto encaminhador dum juízo. Se nalgum pormenor errei, disse-mo. O que levantou é que não podia ser mais infeliz. Nem mais oportunista. Lamento-o por si e por mim: merecíamos um bate-papo melhor! Mas, já agora, digo-lhe: se me tivesse obrigado a concretizar um pouco mais a crítica, mais irritadiço ficaria.

Supunha-o mais desenvolto. Ou mais desembaraçado de antigos complexos. Os seus aspados de hoje mostram-me que não. Soubera-o eu antes, teria peneirado as palavras com que embirra, e iria mesmo ao Registo Civil mudar o meu nome...

Quanto ao «milieu» montmartriano dos letrados lisboetas, sou-lhe indiferente. Nunca pertenci a grupinhos. É natural, portanto, que desagrade, sem excepção, aos torcedores respectivos. Faz-lhe diferença? A mim não faz nenhuma. Pode desabafar à vontade junto deles. Ou dos académicos de número, caso o vaticínio do Século Ilustrado *se confirme.*

Entre outros (invariàvelmente maus), publiquei um dia um volume de que muita gente disse horrores. Esperava que me atirasse com isso, como é da «boa» praxe! Como não o fez, faço-o eu. Não reagi às críticas, quando mas fizeram. E admito-as justas, embora continue a gostar (com reservas) desse aleijadinho. A nossa subjectividade é assim, que lhe havemos de fazer? Respeito, portanto, que se sinta afectivamente preso ao que outros lhe desdenhem. Mas isente-se, quando isso passar do foro privado para o público!: nenhum de nós é bom juiz em causa própria...

No mais que pense ou insinue sobre os meus escritos, já lhe disse que é livre. Eu próprio os tenho em muito má conta, como já disse. Porque escrevo, então? Talvez porque não possa agir, quem sabe! Ou porque isso me está na massa do sangue, não sei bem. Só sei que nunca houve nem haverá literatura sem subliteratura. E que me contento com esta. Não lhe faço sombra, portanto! Sei pôr-me no meu lugar, fique descansado. E se vier a convencer-me de que nem para crítico sirvo, renunciarei sem alaridos. Já de outra vez o fiz, por uma mesquinharia semelhante. Estive dez anos no pousio. O tempo mostrou, porém, que eu tivera razão. Voltei... porque de todos os lados teimavam em que o fizesse: o silêncio é sempre de oiro... Acho coerente que, agora, me desejem calado. E é tão cómodo fazer-lhes a vontade!

De qualquer modo, continuarei a escrever (como então) para mim. Acima de tudo, o que me interessa é o destino humano. E a literatura é apenas uma pequena parte disso. Anunciar um diário póstumo é um acto, entende? E não lhe declarei eu que talvez escrevesse porque não podia agir? Supunha que a psicologia humana não tivesse segredos para um novelista... Já estive para apontar, no tal diário, que cometera, de facto, um erro consigo: V. não é modesto. Mas não o fiz, sabe porquê? É que esta conversa não tem sido consigo, mas sim com o sr. Marmelo e o sr. Silva, dois sósias seus — dos quais o primeiro o defende e o segundo me ataca. Como só agora o descobri, só agora os aposento. Mas na certeza de selar consigo, muito em breve, o velho abraço de sempre. Homens como nós repontam mas não desbotam...

MÁRIO SACRAMENTO

P. S. — Um bom e leal amigo que tenho e sempre abertamente me declara o que pensa (como só verdadeiros amigos usam), disse-me há dias, com ironia branda: — Que diabo, tu tinhas tanto direito de escrever «moliceiros do Vouga» como... «moliceiros do Atlântico»...

Esta redução-ao-absurdo (que tal nome tem esse tipo de argumento) pôs-me face a face com uma evidência: não fui ainda suficientemente explicito no que aduzi. Se um amigo meu (e culto) tem dúvidas, outras pessoas as partilham, decerto. Ora eu não pretendo ter razão por caprichismo polémico, mas porque a tenho! Quem melhor conhece um assunto é, por vezes, quem pior o expende. E esse meu amigo, que é advogado, deve ter alguma experiência disso — quanto a réus inocentes, pelo menos...

Porque é redução-ao-absurdo aludir a «moliceiros do Atlântico»? — Porque o Atlântico colabora na formação de outras rias — as da Galiza, por exemplo. Logo, há não só irrealidade (ou surrealidade, se o preferem) em tais moliceiros, como indeterminação. E aquele *de* é determinativo.

Mas é determinativo dentro dum contexto. E esta noção é fundamental, como em breve veremos. Todos guardam na memória expressões como: «naus da India» ou «lugres da Terra Nova». É óbvio que as naus e os lugres não foram ou são de lá. Mas navegaram ou navegam até lá. Do mesmo modo, os moliceiros podem ir ao Vouga. Essa eventualidade não os determina, contudo, pelo que seria sofístico invocar tal argumento. Não obstante, ele permite-nos anotar (para efeitos posteriores) que a referência a «naus da India» ou a «lugres da Terra Nova» inclui, entre as naus e os lugres (generalizando), todos os outros barcos que, no período áureo português, comerciaram com o Oriente, ou vão ao bacalhau nos dias de hoje.

Imaginemos, agora, que eu escrevo: «as naus de Leiria...» Dir-me-ão que deliro! Mas mudarão de consenso se eu prosseguir: «as naus da India não nasceram no Tejo: partiram de Leiria!» E porquê? Porque logo entendem o que eu quis dizer: vieram dos pinhais que D. Dinis plantou, nos arredores de Leiria, os lenhos com que foram feitas as primeiras naus. A expressão só tem sentido neste contexto. Logo, implica-o necessàriamente — como determinante seu.

Passa-se o mesmo se digo: «Veneza de Portugal», «fé de carvoeiro», «lobos do mar», «dores de cotovelo», «alma de púcaro rachado»», «meninges de Calino», «Banco Português do Atlântico», «lágrimas de crocodilo», «salário do Diabo», «despesa de cuspe», «flores do mal», «coração de pedra», «chaves do Céu», «lágrimas de Portugal», «olhos de carneiro mal morto», «seios de alabastro», «botas de sete léguas», «mar de nuvens», «lábios de coral», et coetera. Há, em todos estes casos, a determinação de uma metáfora pelo *de* — a qual é predicativa de um contexto.

Vejamos, então, em que contexto usei eu os tão contestados «moliceiros do Vouga»: «Este mergulho no imediato [que são as crónicas de Manuel Mendes, no volume Os Ofícios] tem um significado nítido,

Continua na página nove

DO TEATRO NECESSÁRIO

JORGE LAGOS

RESPOSTA À DEFESA DE JÚLIO HENRIQUES

JÚLIO HENRIQUES respondeu — melhor: correspondeu — à crítica que fiz ao espectáculo do CETA levantando um problema cuja acuidade é muito discutível: o de se saber qual o «teatro necessário» e a escolha que dele se deve fazer. Compreendo bem que tem em parte razão no que afirma. Mas começo por pôr esta questão: deverá também o Teatro Amador «alienar-se», fugir aos seus intentos de divulgação e experimentação? Creio que para isto basta o que a maioria do teatro profissional faz, com um «desconhecimento» às vezes incrível do que é ou deve ser o Teatro. Portanto, neste aspecto, o teatro experimental deveria preencher uma lacuna, o que, aliás, acontece em grande parte. Porém, quando o Teatro Amador consciente se põe um pouco ao largo daquilo que existe em si e o explica, embora para um fim louvável, como é o da preparação do público (pretensa ou utópica, muitas vezes), não estará a pactuar demasiado com ele, público possível? Aliás, Júlio Henriques parece contradizer-se. «Confesso ainda que desde há anos que nos vejo a dizer: é preciso começar pela base — quando talvez nos esqueçamos que a base é muito relativa, pois interessa saber já quando se poderá ir para a frente». Creio ser expressivo este parágrafo. Estará talvez a lutar com uma dúvida. Se assim é, não compreendo porque põe a questão de qual o teatro necessário hoje («Mas para que irá ele gritar para uma plateia de 50 pessoas?»). Se gritar — atente-se na significância de gritar — está a actuar. Actuando, age. Não será?

Júlio Henriques diz ainda que o CETA já sabe o que é optar pelo teatro de vanguarda, exemplificando com o fracasso (?) de «À espera de Godot», de Samuel Beckett. Pessoalmente, não aceito este fracasso como fracasso. Se a peça não existiu bem em Aveiro, existiu pelo menos plenamente em Lisboa, onde tive oportunidade de a ver. E isso valeu a sua montagem. Até pelo facto de ainda hoje ela ser discutida. Também, por outro lado, um teatro que se quer progressista não pode estar de acordo com «os ideais da burguesia bem-pensante e bem-estante», como J. Henriques escreveu também já anteriormente neste jornal. Por

Continua na página nove

ESCOLA TÉCNICA 75 ANOS

TIVERAM condigna celebração as «Bodas de Diamante» da Escola Industrial e Comercial de Aveiro. O programa, aqui oportunamente transcrito, fora traçado sem preocupações de espaventos: apenas o indispensável para sublinhar, com parcimoniosa expressão, a significativa efeméride. E tudo, afinal, viria a resultar à altura do acontecimento.

O sr. D. Manuel de Almeida Trindade celebrou missa, perante numerosa assistência, no amplo ginásio da Escola; e as palavras que proferiu à homilia foram, como sempre são as palavras do venerando Prelado, lição eloquente, ajustada e proveitosa.

Depois do piedoso acto, assistiu-se à exibição de classes de ginástica, feminina e masculina, e de jogos, agora no vasto terreiro escolar destinado àqueles fins; merecem uma palavra de justa felicitação os ginastas e atletas pela forma impecável como se apresentaram, fruto do exaustivo e consciencioso trabalho dos distintos professores D. Albertina Chaves Martins e António Dias de Lemos. A tão simpática Banda do Internato Distrital animou o festival matutino, sob batuta do seu dinâmico director, Severino dos Anjos, este agora, e em felicíssima escolha, também a ensinar Canto Coral na Escola aniversariante, já ali com reveladoras mostras da sua aplicação e competência, como o evidenciaram os corais da missa e da sessão solene, de sua preparação e regência.

Num almoço, reuniram-se, com as entidades locais mais representativas, actuais e antigos professores do ensino técnico e directores das escolas industriais e comerciais do Distrito, além de outros convidados de honra. Usaram da palavra, aos brindes: professora Dr.ª Dulce Souto, o antigo e inesquecível professor Dr. Manuel Marques Damas; o Dr. Silva Matos, Director do Curso Comercial; o Director da E. I. C. A., Dr. Amadeu Cachim; o antigo Director da Escola Técnica de Braga, Dr. Segismundo Pereira de Lima; o Director-Geral do Ensino Técnico, Dr. Carlos Proença; e, por último, o Prelado da Diocese, que presidiu ao almoço.

A meio da tarde, realizou-se a sessão solene. Sob a presidência do Chefe do Distrito,

Continua na página nove